

A : LA BARREDA



Joaquín Torres



: REVISTA MENSAL
DE LITERATURA E ARTE :

A :: Labarêda ::

DIRECTORES: :: REVISTA MENSAL ::
DE LITERATURA E ARTE
NARCISO DE AZEVEDO
SOARES LOPES

Editôr e Administrador:
MANUEL DE AZEVEDO

PROPRIETARIOS:
ARMANDO CRUZ
NARCISO DE AZEVEDO
SOARES LOPES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO :: RUA DO LINDO VALLE, 291

:: SUMÁRIO DO N.º 1 ::

:: :: :: NA VIA APPIA :: :: :: . . .	Eugenio de Castro
:: :: :: CARTA INÉDITA :: :: :: . . .	Eça de Queiroz
:: :: :: DISTANTE :: :: :: . . .	Mario Beirão
:: :: ORAÇÃO (QUADRAS INÉDITAS) :: :: . . .	Guilherme Braga
:: :: DIALOGO NA ALHAMBRA :: :: . . .	Antonio Patricio
:: :: :: EM MARÇO :: :: :: . . .	Teixeira de Pascoaes
:: :: :: O MEU AMOR :: :: :: . . .	} Affonso Duarte
:: :: :: PAISAGEM UNICA :: :: . . .	
:: :: O REMADOR DAS GALEOTAS :: :: . . .	Fialho d'Almeida
:: :: :: CAMÉLIAS ALVAS :: :: . . .	} Armando Cruz
:: :: :: CAMÉLIAS RUBRAS :: :: . . .	
:: :: POR GRAÇA DO MEU SANGUE :: :: . . .	Narciso de Azevedo
:: :: A TRAGÉDIA DUM IRONISTA :: :: . . .	Camillo Castello Branco
	(CARTAS INÉDITAS)
:: :: :: :: :: :: :: DESENHOS DE . . .	} Antonio Carneiro Vieira Portuense Soares Lopes

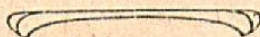
A :: LABARÊDA :: SÓ ACEITA INÉDITOS

ASSIGNATURA:

Trimestre 18 centavos

PAGAMENTO ADEANTADO,
PODENDO SER FEITO EM ESTAMPILHAS DO CORREIO

NUMERO AVULSO 6 centavos



PORTO
Typographia Costa Carregal
Tr. Passos Manoel, 27
1914

: DE EUGENIO
DE CASTRO : :

: NA VIA APPIA :

Da Via Appia ao lado, onde violento
Varre o siroco folhas e poeira,
N'um cippo li, que ensombra uma avelleira,
Esta inscripção, detendo-me um momento:

*De Claudia aos manes, que Plutão cruento
Prostrou, do leito nupcial á beira,
Albio, seu noivo, como derradeira
Prova d'amôr, eleva este moimento.*

Terminada a leitura, reparei
Que a minha noiva, conturbado o busto,
De flor's enchia o cippo abandonado.

— «Conheceste-la acaso?» perguntei;
— «Não!» respondeu Lavinia; «mas é justo
Que o amôr ditoso anime o desgraçado...»

::: DE EÇA
DE QUEIROZ :

: CARTA INÉDITA :

Bristol, 12 de Fevereiro de 1888.

Minha cara Maria

Recebemos hontem aqui, pela Benedicta, a noticia inesperada que tanto, de certo a tem ahi affligido. Ha circumstancias, e essas eram infelizmente as de seu pae, em que a morte é um allivio, e a melhor solução. Mas os que ficam e os que soffrem a perda não se consolam facilmente com este raciocinio. O que lembra então não é o doente já perdido, é a pessoa que se reconheceu forte, sã e feliz. É por essa que se chora — e é por essa de certo que tem sido agora toda a sua magoa. Eu nunca conheci seu pae, senão de vista, nas raras vezes que elle vinha a Lisboa. O muito porem que alli ouvi d'elle, e dos tempos passados, tornou-o quasi para mim uma relação e quasi familiar. Sinto pois, por elle proprio, o seu fim — e sinto-o sobretudo por saber quanto esse golpe, ainda que esperado, a deve ter affectado a si. Creia, pois, minha cara Maria, na verdadeira sinceridade dos meus pezames. Muitas saudades ao Manoel, e beijos a todos os pequenos. E a minha cara Maria creia-me sempre com a mesma estima e reconhecimento.

Seu muito dedicado
EÇA DE QUEIROZ.

: DE MARIO
BEIRÃO :::

: DISTANTE :

A' luz christã do Outomno,
(No Outomno te perdi...)
Em alta flôr visiono
Teu vulto que cingi;
Minha alma de abandono
Passa a chorar por ti!

Nas tardes em que o vento
E' uma saudade funda,
Onda de sentimento
A tua voz me inunda;
Escuto em pensamento
Uma ave moribunda...

Nas noites infinitas
De clamoroso mar,
—Fonte de Amor—recitas
Cantigas de embalar;
E as tuas mãos bêm-ditas
Accendem o meu lar!

De mim compadecida,
Visão do meu transporte,
Embala em voz dorida
A minha humana sorte;
Tu és a minha Vida,
Eu sou a tua Morte...

: DE GUILHERME
BRAGA :: :: :: ::

: ORAÇÃO :

:: QUADRAS PARA SE DECORAREM ::
COM O CORAÇÃO E COM O ESPIRITO

AO CHRISTO

Eu nunca te procuro
Onde não posso vêr
Mais que o altar escuro!
Senhor! Eu sou mulher,

E, como tal, presinto
Onde só tu estás:
Sobre o doirado plintho
Da abençoada paz!

Presinto-o, porque vejo
D'onde dimana o bem,
Onde se escuta o beijo
D'um filho e d'uma mãe!

É lá que tens o dia
Que só o amor produz,
Ó filho de Maria,
Meu candido Jesus!

Villa da Feira, 14 de Fevereiro de 1867.

: DE ANTONIO
CARNEIRO ::

: NA VIA APPIA :



DE ANTONIO
:: PATRICIO ::

: DIALOGO NA ALHAMBRA :

:: FRAGMENTO ::

- No pateo de los naranjos -jardim interior da Alhambra. Uma das faces, que dá nome ao pateo, é o mirador de Lindaraja; as outras são os balcões Renascença do palácio abandonado Carlos V. Manhã velada. Laranjeiras, cyprestes, chão musgoso. No rebordo da fonte morta, ao centro, estão sentados dois amigos: Vasco e Emilio :: :: ::

VASCO—Aqui tens tu uma tragedia estatica, como a sonhou Maeterlink. Conta os personagens. Sete cyprestes, cinco laranjeiras, uma fonte morta, e no chão e nos troncos, musgo—que é das *coisas verdes*, a mais linda...

EMILIO—E nós. Não finjas que te esqueces.

VASCO—Não preciso fingir. P'ra quê? Achas que quebramos o encanto? Talvez por fóra:—os nossos chapéus de palha, as nossas flanelas claras. Mas por dentro... De que te falla a ti este silencio? De Amor e Morte como a mim. Granada é a terra de *mors-amor*. Ora a verdade, é que mais que a arte, mais que tudo, a nossa obsessão foi sempre o amor.

EMILIO—Mas não o amor de que nos falla este silencio...

VASCO—Não distingas: eu disse "o Amor", o que é pr'a mim, vago e preciso. Se te sentes casuista, calo-me.

EMILIO—Socega. Eu quiz dizer apenas que não é do amor que nós vivemos, que nos falla o Jardim de Lindaraja.

VASCO—Lá vaes tu theorisar, distribuir o amor em frascos, por edades e escenarios!... Volta a ti: peço-te. Pensa que as classificações e os systemas são contingentes como uma moda de chapéus, e d'um cómico triste—como o sepulchro em que uma alma embolorece.

EMILIO—Creatura autoritaria que tu és! P'ra ti um amigo é o pretexto humano que diz "sim".

VASCO—São assim os melhores. Mas tu não; tu não és d'esses. Sempre que conversamos, concluímos que gastamos tempo e nervos, p'ra attingir com esforço, o acordo em que estavamos calados. E' que as palavras servem, ainda que muito imperfeitamente, p'ra exprimir factos, e a nós, só o que ha para além dos factos nos interessa.

EMILIO—Que queres tu? Temos de fallar p'ra sabermos, que já em silencio, concordavamos. As palavras dizem pouco, mas provocam pausas, que valem, como na musica ás vezes, mais que os sons. Ha reticencias que teem um não sei quê de medianimico. De resto é sempre assim. Os que não concordavam em silencio, nunca concordarão, por mais que fallem.

VASCO—E' certo. Se n'um leitor de Shakespeare ou de Dante nada houver latente, em potencial sensivel, de shakespeareano ou de dantesco, que importa que elle saiba de côr o "Rei Lear", ou o "Hamlet", e o "Inferno"! A arte é uma revelação. Faz caminhar Psyché, descalça, erguendo a lampada, por todas as encruzilhadas do Mystério. E' claro que Shakespeare ou Dante impressionam um orador ou um jornalista, por exemplo; mas segundo os respectivos *pathos*: jornalístico ou oratorio. A vara de Moysés abriu a rocha em fonte, mas no coração da rocha havia agua...

EMILIO—E' assim em tudo, natureza ou arte. O "segredo aberto", (*) do mundo é p'ra quem tem ouvidos de adivinho. A arte é o segredo que exprime esse segredo. Falla-nos ao ouvido como um búzio. Alguns ouvem n'elle o mar: outros um ruido apenas...

VASCO—Não divagues, peço-te.

EMILIO—Deves então dizer: não divaguemos. Estamos no jardim de Lindaraja. Pensa no que te ia succeder. Ias agora fallar da Critica, que pouco a pouco, n'uma ou mais gerações, consegue criar nas naturezas não dotadas, essa especie de receptividade—de graça, diria um mystico—sem a qual a Arte é esteril como o póllen que uma borboleta sacode sobre um muro. Ias dizer que este typo de crítico, verdadeiro artista e creador, é extremamente raro; que em Portugal nem um só floriu ainda. Ias cahir, em summa, n'este horror: uma serie de deducções previstas.

VASCO—A culpa é tua. Eras tu que me arrastavas. Quando se não vibra, ha uma tendencia inferior p'rá logica, esse domínio do espirito.

EMILIO—Mas peço-te outra vez: não divaguemos. Estamos no jardim de Lindaraja.

VASCO—Que melhor pretexto p'ra sentir! Olha os cyprestes. Como são altos, monacaes, hypnotisados no rumor da propria seiva! E tem todos os verdes: verde-podridão, verde-bronze, verde-cobre, verde-negro. Eu adoro os cyprestes. *Nós somos do estofo de que os sonhos são feitos*, disse Shakespeare. Sendo assim (e eu sinto que é assim)

(*) Goethe.

estes cyprestes são do *estof* de Pascal. Não convivem: cada um com o seu drama interior, com o seu Deus. Nem um gesto de sympathia a aproximal-os. O vento não vem ao jardim de Lindaraja. Ouve-se lá fóra, nos bosques da Alhambra, como se ouve o mar n'uma *cabin*, dormindo.

EMILIO—Esqueceu-me dizer-te. Disse-me o guarda, que ha rouxinoes aqui no pateo.

VASCO—Netos decerto dos que Lindaraja vinha ouvir... Não ha sala da Alhambra que valha p'ra mim, em pathetico, este pateo. Vê-o bem, deixa-o entrar em ti. Nem a *Sala del Reposo*, nem o maravilhoso pateo dos Leões. E' mais que lindo: é tragico.

EMILIO—Como tudo o que é bello.

VASCO—Depois, repara: aparentemente é um disparate. Tres faces são os balcões d'un palacio Renascença, que nunca foi acabado, e remata aqui n'um pardieiro. Vê! Algumas traves estão já pôdres. E esta que nós olhamos, é uma torre rectangular, côr de sangue coallhado, que sóbe do mirador de Lindaraja ao mirador *de la Reina*, e se diria uma torre de fortaleza se não fossem as gelosias marchetadas. E mesmo os dois miradores-joalherias estão escórados—vê—não duram muito. São um entulho banal em poucos annos. A Alhambra agora está sob o Kalifado da Morte. Depois estes prodigiosos cyprestes... As laranjeiras estão em flôr, p'ra que o silencio se perfume. E emfim, ao centro, a fonte morta, com as suas taças de alabastro esverdinhado, e os versos de amor que Abdallah mandou gravar—os unicos da Alhambra. Choveu de noite. Ha um pouco de agua nas taças e um pouco turva, p'ra que ceus e nuvens e pateo se possam reflectir profundamente... E ainda, dizes tu: ha rouxinoes...

EMILIO (sorrindo)—Mas só Lindaraja os ouve...

VASCO—Tens tu: a vida arabe, no seu coração encantado e deserto—que é a Alhambra; o imperio de Carlos V que te falla no cheiro a pôdre d'essas traves; cyprestes que Pascal abraçaria; uma fonte que ha muito se calou (e corre assim melhor dentro de nós); e silencio, silencio perfumado a laranjeiras, e que um vento em surdina ainda avelluda... Que mais queres tu p'ra te calares?... Respira-se *mors-amor* n'este pateo.

EMILIO (depois de uma pausa)—Estava a pensar em Anthero, no *Mors-Amor*:

E o corcel negro diz: eu sou a Morte.
Responde o cavalleiro: eu sou o Amor.

VASCO—São esculpturaes esses versos. Já Oliveira Martins o disse. *Mors-Amor!* Que prodigioso assumpto p'ra

um escultor de genio! O Centauro do mytho psychico de Anthero... (*Calam-se instantes*).

EMILIO—Acreditas que na vida commum, na horrivel anedocta de todos os dias, se fundam assim o amor e a morte...

VASCO (interrompendo)—Precisamente. Como no Centauro... Pois que valor teriam esses versos, se não fossem a projecção dantesca, a figuração em estatuaria metaphysica, d'um drama de sempre?... Quem tem olhos de vêr, vê em toda a parte, no noticiario das gazetas, nas coisas mais communs, mais triviaes; na dôr calada e na dôr que gesticula; o amor e a morte inseparaveis, tão fundidos... como no Centauro, sim, no Centauro que ficará sem escultor. A horrivel anedocta de todos os dias, como tu dizes, ou o "tragico quotidiano", como diz Maeterlink, é uma fonte suprema de pathetico. Simplesmente, para a ouvir, na lama das ruas ou no mau gosto das casas, é preciso ter ouvidos. Não basta poder escrever um romance naturalista ou uma elegia. Antes de Anthero, quem sabia, por exemplo, que ha qualquer coisa de *feroz* n'um riso de creança?... Antes de Ibsen escrever o "Pequeno Eyolf", quem tinha sentido a intensidade trágica, que ha por exemplo, n'um pequenino doente a dizer baixinho á mãe, que quer ser Napoleão quando fôr grande?...

(Do livro inédito "Cinco Dialogos").

: DE TEIXEIRA
DE PASCOAES :

: EM MARÇO :

Quando o sol nasce,
A terra agradecida
Sorri a Deus...
E a minh'alma, cantando, volve a face
Cheia de vida,
Para os céus...

: DE AFFONSO
DUARTE :: ::

: O MEU AMOR :

Antes que seu perfil me apparecêsse,
Eu tinha gasto o coração a vê-la...
E erguendo aos céos as minhas mãos em préce,
O meu amor foi só reconhecê-la.

Como graça de Deus, que me atendêsse,
Sou seu amôr... Posso dizer-me d'Ela...
Chamar-lhe minha, assim quem o pudesse,
Na noite da minh'alma única estrêla.

Pra meu amor é que Ela ao mundo veio:
E assim, outrem amando-a, era parti-la,
Que alguma coisa d'Ela ha no meu seio.

Não será minha? E isso que tem para a Arte?
Estatuario—que eu sou—hei de esculpi-la...
Dá-la em Beleza é o meu amor em parte.

: DE AFFONSO
DUARTE :: ::

: PAISAGEM ÚNICA:

Olhas-me tu: E nos teus olhos vejo
Que eu sou apenas quem se vê: assim
Tu tanto me entregaste ao teu desejo,
Que é nos teus olhos que eu me vejo a mim.

Em ti, que bem, meu corpo se acomoda!
Ah quanto amor por os teus olhos arde!
Comtigo sou?—péreo a paisagem toda...
Longe de ti?—sou como um dobre á tarde...

Adeuses aos Casaes dessas Marias
Em cuja graça o meu olhar fluctua,
Tudo o que amei—ao teu amor o entrego.

Choupos com ar de velhas Senhorias,
Castelo-moiro donde nasce a lua,
E apenas tu—a tudo o mais sou cego.

: DE FIALHO
D'ALMEIDA ::

: O REMADOR DAS GALEOTAS:

Do esplendor dos nossos grandes reinados, poucas reliquias nos restam, e das artes decorativas que se crearam entre nós, nos seculos das descobertas, inspiradas pelas viagens e relações diplomaticas de Portugal com todas as côrtes ricas da Europa, nenhuma deitou de si vergontea riça, que atravessando a decadencia dos dois ultimos seculos, reflorisse até nós, em manifestações de elegancia ou de caracter.

Falliram por exemplo as officinas de ourivesaria, ebanistaria e tapeçaria, que deram a custodia dos Jeronymos, a cruz da Sé do Funchal, os pamos muraes da eschola de Tavira, os tapetes d'Arrayolos, e as preciosas mobílias e coiros estampados do tempo de D. Manuel e D. João III.

Falliu a eschola de pintura religiosa que produziu as telas agremiadas hoje sob a égide um tanto hypothetica do Grão Vasco.

Falliu a sciencia das construcções navaes, que lançou ao mar, dos estaleiros do Tejo e de Gôa, para a travessia de todas as aguas do mundo, as naus, galeões e bergantins dos seculos XV, XVI e XVII, tão maravilhosos de elegancia e de architectura, tão imponentes como machinas de guerra, e tão idealmente artisticos como vehiculos de prazer... E d'esta ultima aptidão perdida, ou quasi perdida, nem sequer os museus guardam vestigios! Mas eis que ao fim de esforços, rebuscando a cidade, lá se consegue descobrir n'um barracão de Belem, á margem do rio, logo passada a estação dos americanos, entre barcos de construcção recente, duas ou tres galeotas de gala do grande tempo, pertencentes ao serviço real—uma das quaes, a maior, se bem nos lembra, é um prodigio de elegancia e grande estylo.

Comprido e amplo, com as suas grinaldas de tálha de ouro, o seu camarim de lhamas e brocados, os columnellos esbeltos, um rodilhão de esculpturas á pôpa, e duas filas de quarenta remadores, mergulhando os remos n'um impulso symétrico e galhardo, aquelle barco reconstrôe-nos d'um jacto, em memoria, algum d'esses cortejos nauticos do Tejo, feitos sob o sol faiscante, á chegada das frotas, para a apothese de qualquer grande descobridor ou vice-rei. É um verdadeiro barco d'apothese, o carro triumphal d'um semi-deus titan, d'um imperador dos mares, que vem a bordo das naus sopesar os thesouros de Malaca subjugada, ou metter a ferros o heroe que lhe annexou á corôa mais um

pedaço do mundo, por elle conquistado ou descoberto. No seu pesado jôgo ha o balanço da concha de Neptuno, nó episodio dos *Lusiadas*, vindo a Jupiter queixar-se da destemida audacia dos nossos mareantes, e ao mesmo tempo a graça do cysne do Lohengrin, quando comboia no lago, grave, impassivel, o cavalleiro do Santo Gral.

Dá-nos a estampa a *silhouette* d'algumas d'essas galeotas, com seus camarins de purpura e columnellos de talha preciosa; e no primeiro plano, em costume de gala, um remador. O remador das galeotas é o conhecido e mais que todos destro remador da nossa Alfandega, cuja habili-dosa mão de remo, firmeza de pulso, e extraordinaria elegancia no curvetear do barco em pleno rio, conquistam a admiração de todas as gentes do mar que nos visitam. Acrescentando que o gondaleiro das galeotas reaes, alem de remador da Alfandega, é quasi sempre algarvio, damos a chave d'aquella sua maravilhosa sciencia de remar.

Pois algarvio! e quem diz algarvio para de logo entende, falador. Ora, indo uma vez D. Maria II acompanhar a bordo não sei que principe estrangeiro, aconteceu-lhe ser a galeota puxada por quarenta grazinas-móres d'entre Villa Real de Santo Antonio e Portimão, que sem respeito ao humor melancholico de Sua Majestade (a quem a Carta, já se vê, prescrevia tristeza, na despedida d'uma potencia aliada) todo o caminho foram n'uma gralhada de ditos e disputas, qual mais cingida ao sutaque local das suas terras. A rainha, que á ironia risonha dos Braganças juntava um desempenho de mulher affeita ao mando, ordenou então áquelles quarenta... maiores contribuintes do clarivari, fossem remando quietos e calados, acrescentando daria a cada um sua moeda, ouro de lei, se até aos caes nenhum d'elles juntasse um monosyllabo. Ajustam-se os remadores á ordem da soberana, e durante cinco minutos a galeota singra n'um silencio de morte, em que apenas se ouvem os remos chapando a agua a golpes rythmicos e fortes.

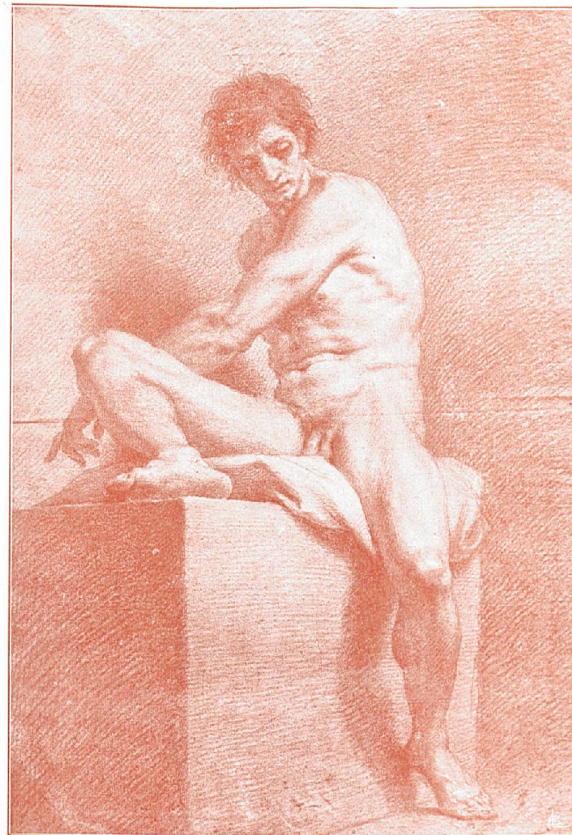
Mas ainda não tem começado o sexto minuto, já de todas as bandas se ouvem bufar bôccas freneticas, torcer bustos para a direita e para a esquerda... rostos congestionados que se encaram, enfunando as bochechas, chispando a colera dos olhos, e avançando os focinhos uns para os outros, a modos de desafio.

E aquillo cresce, avoluma-se, quer explodir... Té que um remador por fim, que era o mais novo, recémchegado d'Olhão, não podendo guardar mais tempo a jura prometida, se ergue do banco, e para a rainha:

— Que levasse o diab'alma á moeda d'oiro, mas que elle arrebetava com seiscentos diabos! se estivesse calado mais tempo!

: DE VIEIRA
PORTUENSE:

: ESTUDO :



A : Labareda : N.º 1 (1.ª serie)

: DE ARMANDO
CRUZ :: :: ::

: CAMÉLIAS ALVAS :

Á ALICE

Camélias alvas, nevadas,
Com ellas sonhei noivar:
São beijos de namoradas
Que andam errantes, ao luar.

Branças de neve, são beijos
Que o luar transfigurou,
Beijos puros, sem desejos...
— Beijos de quem nunca amou.

: CAMÉLIAS RUBRAS :

Camélias rubras, camélias
Abrindo em raivas de côr
— São os lábios das Ophelias
— São as fridas do Senhor...

Camélias da côr do sangue,
Dae-me vida ao coração:
Meu amor desmaia exangue,
Desvaira de commoção.

Camélias, tingí-me o rôsto!
Camélias, ungi-me a face!
— Também é rubro o sol-pôsto
E eu vou-me no meu trespasse...

Fevereiro de 914.

: DE NARCISO
DE AZEVEDO :

POR GRAÇA DO
:: MEU SANGUE ::

Ao D. José de Castro
(REZENDE)

Cavalleiro da Lenda, creio em Deus
E em meus Avós!... Evoco a Tradição:
O Mar rogou-me pragas e escarcéus,
Em pelejas talhei o meu Brazão!

Sou duma egregia estyrpe... Deus fadou-me
E cumpri o meu voto de bravura;
Fidalgo e Môço, o Mar condecorou-me
Senhor de Alem-Mysterio e da Aventura!

Minha Legenda grita um velho Feito;
Trago antigas Heraldicas ao peito,
Reliquias dum Passado de grandeza!

Dei fôro e fidalguia á minha Terra
E todo o amor que o meu amor encerra
É Graça de voluptia e de nobreza!

Dos Sonetos Heraldicos
: Pola Fé y pola Grey :

:: DE CAMILLO ::
CASTELLO BRANCO

: A TRAGEDIA DUM IRONISTA :

:: CARTAS INEDITAS ::

I

Lisboa, 28 de Dezembro.

Minha amiga

Sei que a D. Anna está em Coimbra, donde de certo não sahirá hoje nem talvez amanha. Em Lisboa tenho alguma segurança porque confio em amigos; mas, se o homem continuar com a querella, tenho de viver sempre em sobresalto e escondido, até que a questão venha acabar a um tribunal de Lisboa. Imagine a minha amiga que vida será esta... Tambem perdi a esperanza de a tornar a vêr, minha boa Eufrazia. E' preciso convencer-me de que morri para mim e para muita gente. N'este triste momento, devo confessar que é a Snr.^a a pessoa a quem maiores provas de amizade devo. Perdeu-se tudo. A minha intensão era salvar-me. Deus não o quiz. O futuro pinta-se-me negro e desgraçado. Diz-me que a D. Anna tivera de vender alguns trastes para partir; venda a minha amiga tudo que ahí houver, e pague ou desempenhe aquelles objectos que não valem o emprestimo. Digo-lhe isto, porque estou, como sabe, pobre e até pobre de ingenho para me remir dos muitos gastos. Os dois caixoensinhos, e os livros mandem'os n'uma caixa de pinho pelo vapor, quando poder. Não sei se pelo Lusitania vem os bahus da D. Anna. Caso não venham ainda, apresse a minha amiga a sahida, porque lhe devem ser a ella muito necessarios.

Eu estou ha quatro dias a arder em febre. Custa-me a vida, e, se Deus não a remedeia, terminem estes

tristes dias. Quando fôr ao convento recommende-me áquella boa amiga que não espero ver mais. Diga-lhe que, imaginando que eu morri, contemple com piedade a orfã que Deus lhe destinou para que ella desse um publico testemunho da sua generosa abnegação. Nas cartas que a minha boa amiga me escrever reserve tudo que possa augmentar a medida já cheia das minhas mortificações. Peça com encarecimento ao amigo Custodio Vieira que me relate o andamento do processo, para eu tomar as medidas de cautella. Adeus, minha amiga: emquanto vivermos troquemos algumas palavras dignas da amizade de 9 annos e de toda a vida. Digo tambem um adeus ao meu pobre cão. Coitadinho!... nunca mais me verá. Recommende-me á Carlota.

Seu do c.

CAMILLO.

II

Minha amiga

Recebi hoje duas cartas suas, sendo uma retardada. Não preciso por emquanto de camizas. Vou remediando por cá. Se quizer e poder, vá fazendo algumas para quando eu tornar para a sua casa. Parece incrível que a minha amiga não conheça a vontade que eu tenho de ir para ahi. Faz á D. Anna injustiça dizendo que ella me affasta de lá. Quando eu estive muito doente, perguntou-me ella se eu queria que lhe escrevesse ella mesma pedindo-lhe para vir para ao pé de mim. Creia que ella o que tem é medo que me prendam; porque se me prendessem ninguem nos valia, e iríamos ambos para a Africa. Vou melhor e sempre e cada vez mais seu amigo

CAMILLO.

Recommend-me á sua familia.